

Transição ensino médio - educação superior: um comparativo das expectativas de estudantes do ensino regular e da educação de jovens e adultos

Transition high school - higher education: a comparative of the expectations of regular and young people and adults students education

Transición de la educación secundaria a la educación superior: una comparación de las expectativas de los estudiantes en la educación regular y en la educación de jóvenes y adultos

Chaiane de Medeiros Rosa¹

Patrícia Rodrigues Luiz Peixoto²

Resumo

Esta pesquisa buscou compreender as expectativas dos estudantes do terceiro ano do ensino médio, modalidades regular e educação de jovens e adultos (EJA), do Colégio Estadual Normal Professor Cesar Augusto Ceva, situado no município de Ipameri, no Sul do estado de Goiás, em relação à continuidade de seus estudos. Para isso, foi realizada uma pesquisa documental, baseada em registros acadêmicos da instituição de ensino, e também respaldada em dados de instituições de pesquisa de abrangência nacional, como o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Além disso, foi realizada pesquisa bibliográfica, que subsidiou a análise dos dados documentais e versou sobre temas como: projetos e perspectivas, representação social, perfil educacional e de trabalho, processos de exclusão escolar, e desafios a serem enfrentados pelos jovens estudantes, especialmente os do ensino médio. Como resultado, esta investigação mostrou que, a despeito das diferenças de perfil entre estudantes do ensino regular e da EJA, eles têm em comum o desejo de continuar seus estudos, conciliando com o trabalho, com vistas a conquistar um diploma de nível superior ou técnico/tecnológico, e se apresentar de forma mais qualificada para o mercado de trabalho.

Palavras-chave: Ensino Médio; Ensino Regular; Educação de Jovens e Adultos; Expectativas.

Abstract

This research aimed to understand the expectations of the third year high school students, regular and education of young people and adults (EJA) modalities, of the State College Normal Professor Cesar Augusto Ceva, located in the municipality of Ipameri in southern Goiás state, in relation to the continuity of their studies. For this, a documentary research was conducted, based on academic records of the educational institution, and also supported by data from national research institutions, such as the National Institute of Studies and Educational Research Anísio Teixeira (Inep) and the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE). In addition, a bibliographic research was carried out, which subsidized the analysis of documentary data and dealt with topics such as: projects and perspectives, social representation, educational and work profile, school exclusion processes, and challenges to be faced by young students, especially from high school. As a result, this research has shown that, despite the differences in the profile of regular students and the EJA, they have in common the desire to continue their studies, reconciling with work, with a view to achieving a higher technical or technological level, and to present themselves in a more qualified way for the labor market.

¹ Universidade Federal de Goiás, Goiânia/GO – Brasil. E-mail: chaiane@ufg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8609-3487>.

² Universidade Federal de Goiás, Goiânia/GO – Brasil. E-mail: patricia-rlp@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0515-3503>.

Keywords: High School; Regular Education; Youth and Adult Education; Expectations.

Resumen

Esta investigación buscó comprender las expectativas de los estudiantes del tercer año de la enseñanza media, modalidades regulares y educación de jóvenes y adultos (EJA), del Colegio Estadual Normal Professor Cesar Augusto Ceva, ubicado en el municipio de Ipameri, en el sur del estado de Goiás, en cuanto a la continuidad de sus estudios. Para ello, se realizó una investigación documental, basada en expedientes académicos de la institución educativa, y también sustentada en datos de instituciones de investigación de ámbito nacional, como el Instituto Nacional de Estudios e Investigaciones Educativas Anísio Teixeira (Inep) y el Instituto Brasileiro de Geografía y Estadística (IBGE). Además, se realizó una investigación bibliográfica que apoyó el análisis de datos documentales y abordó temas como: proyectos y perspectivas, representación social, perfil educativo y laboral, procesos de exclusión escolar y desafíos que deben enfrentar los jóvenes estudiantes, especialmente los de secundaria. Como resultado, esta investigación arrojó que, a pesar de las diferencias de perfil entre los estudiantes de la educación regular y los de la EJA, tienen en común el deseo de continuar sus estudios, compaginándolos con el trabajo, con miras a la obtención de un título superior o técnico/tecnológico, y presentarse de manera más calificada para el mercado laboral.

Palabras clave: Escuela Secundaria; Educación regular; Educación de Jóvenes y Adultos; Expectativas.

Introdução

No Brasil, em 2013, a taxa de frequência bruta a estabelecimentos de ensino da população com idade de 15 a 17 anos, que corresponde à idade regular de cursar o ensino médio, foi de 84,3%. Considerando apenas as pessoas com idade regular matriculadas nesse nível de ensino, essa taxa foi menor, de 63,6% (IBGE, 2014).

Em Goiás, o percentual de atendimento escolar nessa faixa etária passou de 75,7% em 2005 para 80,4% em 2015, o que representa um crescimento de 4,7 pontos percentuais. E, como consequência da ampliação do ensino fundamental, o percentual de atendimento ao grupo dos 18 aos 24 anos, que representa a faixa etária em idade regular de cursar a educação superior, passou de 27,4% para 30,8% no mesmo período, o que representa uma expansão de 3,4 pontos percentuais (IMB, 2015).

Nota-se, pois, que o acesso à última etapa da educação básica no estado está se expandindo. Mas, o que fazem os estudantes após concluírem essa etapa de ensino, visto que, de acordo com dados do Censo da Educação Superior de 2017 (INEP, 2017b), apenas 19,7% da população de 18 a 24 anos, que está em idade de cursar a educação superior, frequenta esse nível de ensino?

Tendo isso em vista, buscou-se compreender as expectativas dos estudantes do terceiro ano do ensino médio, modalidades regular e educação de jovens e adultos (EJA), do Colégio Estadual Normal Professor Cesar Augusto Ceva, situado no município de Ipameri, no Sul goiano, em relação à continuidade de seus estudos.

O ensino médio foi escolhido por se tratar da última etapa da educação básica, o que representa a transição para a educação superior. Já a categoria pública da instituição analisada foi eleita pelo fato de que, em Goiás, segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) (2017a), 81,6% das matrículas do ensino médio encontravam-se na rede estadual, 3,0% na federal e apenas 15,1% das matrículas estavam no setor privado. Portanto, nota-se uma hegemonia da rede pública

estadual no que se refere à oferta do ensino médio em Goiás. Já a cidade de Ipameri foi escolhida por se tratar de uma cidade de pequeno porte, mas que está situada em uma importante região, distante a apenas 198 km da capital do estado, Goiânia, e fazendo divisa com importantes municípios do estado em termos de acesso à educação superior, como Caldas Novas, Catalão, Pires do Rio e Urutaí. E, por fim, o Colégio Estadual Normal Professor Cesar Augusto Ceva foi selecionado por se tratar de uma instituição de ensino voltada exclusivamente para o ensino médio, nas modalidades regular e EJA.

Portanto, entende-se como relevante conhecer as expectativas dos estudantes que estão na transição entre o ensino médio e a educação superior de um município que é pequeno, mas que está rodeado por cidades que apresentam oportunidades de acesso a uma formação de nível superior. Além disso, realizar um estudo comparativo entre o perfil dos estudantes do ensino médio regular com aqueles que frequentam a EJA pode mostrar características significativas que distinguem esses dois grupos de estudantes.

Vale ressaltar que, normalmente, os alunos da EJA são aqueles que se encontram em distorção idade-série, com anos de atraso em relação à idade adequada da etapa. Síntese dos indicadores sociais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2014, s/p) mostra que: “A distorção idade-série atingia quase metade dos estudantes de 13 a 16 anos de idade em 2004 (47,1%) e 41,4% deles em 2013, totalizando cerca de 3,7 milhões de estudantes”. No caso de Goiás, no período de 2013 a 2017, o percentual de alunos que apresentou essa distorção diminuiu em todos os níveis, e no ensino médio essa redução foi de 4,6 pontos percentuais. Contudo, mesmo com essa diminuição, não significa que não seja importante estudar essa população e conhecer suas expectativas em relação à continuidade ou não dos estudos em nível superior.

Para a realização desta pesquisa, foi aplicado questionário com questões objetivas a 32 estudantes do 3º ano do ensino médio regular, o que representa 42,7% dos alunos regulares, e a 21 estudantes da 3ª etapa da EJA, o que consiste em uma amostra de 75% dos estudantes que estavam matriculados e frequentando as aulas no segundo semestre de 2018, período da coleta de dados. No total, dos 103 estudantes cursando a última etapa do ensino médio, 51,5% participaram da investigação.

O Perfil Socioeconômico dos Estudantes

De acordo com o IBGE (2018), estima-se que em 2018 o município de Ipameri tenha 26.792 habitantes. Em termos de educação, o município conta com 30 escolas, sendo cinco voltadas para o ensino médio, das quais três são estaduais, uma federal e uma privada. Em termos de matrículas, de acordo com o Censo da Educação Básica de 2018, divulgado pelo Inep, havia um total de 5.442 matrículas na educação básica do município, sendo 1.303 na educação infantil (23,9%), 3.351 no ensino fundamental (61,6%), 790 no ensino médio (14,5%). Na EJA, havia 397 matrículas, das quais 212 eram no ensino fundamental (53,4%) e 185 no ensino médio (46,6%), todas elas ofertadas pela rede estadual de ensino. No ensino médio do município, das 790 matrículas, 570 estavam na rede estadual (72,1%), 172 na municipal (21,8%) e apenas 48 no setor privado (6,1%), sendo todas situadas em

escolas urbanas. Desse total de matrículas, 324 eram na primeira série (41,1%), 231 na segunda série (29,2%) e 235 na terceira série (29,7%) (INEP, 2018).

Especificamente no Colégio Estadual Normal Professor Cesar Augusto Ceva, instituição pública estadual especializada na oferta de ensino médio, em 2018 o quadro de matrículas era o seguinte:

Quadro 1 – Número de matrículas no Colégio Estadual Normal Professor Cesar Augusto Ceva, por modalidade de ensino e situação dos estudantes - 2018

	Ensino regular				Educação de jovens e adultos			
	1º ano	2º ano	3º ano	Total	1ª etapa	2ª etapa	3ª etapa	Total
Matriculados	111	86	84	281	37	47	36	120
Regulares	81	73	75	229	26	42	28	96
Desistentes/evadidos	7	3	1	11	9	4	6	19
Transferidos	23	10	8	41	2	1	2	5

Fonte: As autoras.

Na referida instituição, no ano de 2018, havia um total de 401 estudantes matriculados, sendo 281 no ensino médio regular (70,1%) e 120 na EJA (29,9%). Considerando especificamente os estudantes do ensino médio regular, a maioria deles, 39,5%, estavam matriculados no primeiro ano, 30,6% no segundo ano e 29,9% no terceiro ano. Também é importante registrar que, do grupo dos 281 estudantes matriculados, apenas 81,5% permaneceram regularmente ativos no curso, sendo que 3,9% desistiram ou evadiram da escola, e 14,6% foram transferidos de instituição. Dos alunos do terceiro ano, que constituem o objeto desta pesquisa, dos 84 ingressantes, 89,3% permaneceram regulares, 1,2% desistiram e 9,5% foram transferidos.

Já analisando os estudantes da EJA da mesma instituição, observou-se que, do total de 120 matriculados em 2018, 30,8% estavam na primeira etapa, 39,2% na segunda etapa e 30,0% na terceira etapa. Desse total de matriculados, 80,0% permaneceram ativos durante o período letivo, 15,8% desistiram ou evadiram da instituição, e 4,2% foram transferidos. Considerando apenas os estudantes matriculados na terceira etapa da EJA, que são alvo desta investigação, constatou-se que, dos 26 matriculados, 77,8% eram alunos regulares, ao passo que 16,7% desistiram ou evadiram, e 5,5% foram transferidos.

O que desponta, nos dados apresentados, é o maior percentual de alunos que desistem ou evadem sendo da EJA. Isso pode estar relacionado ao perfil desses estudantes, normalmente em distorção idade-série, e, por isso, mais velhos, muitos já ativos no mercado de trabalho. Acredita-se, portanto, que o trabalho, por vezes, acaba afastando os sujeitos da escola. Mas, como afirma Vendramini et al. (2017, p. 2169), contraditoriamente, também é o trabalho que acaba os aproximando da escola, pois, “[...] para muitos, frequentar a escola significa sair da condição atual em que se encontram, melhorar de vida, ter um trabalho melhor que o de seus pais”.

Verificou-se que, dos estudantes investigados, no grupo dos que fizeram ensino médio regular, 46,9% tinham até 17 anos, e os demais tinham 18 anos (37,5%), 19 anos (9,4%) e a idade máxima apresentada foi 20 anos (6,2%). Uma parcela significativa,

portanto, estava na idade adequada para cursar o ensino médio, que é dos 15 aos 17 anos, e os que ultrapassaram essa idade regular não distanciaram muito dessa faixa etária regular. Já no grupo dos alunos da EJA, não havia nenhum aluno em idade regular, o que se justifica pelo fato de que essa modalidade de ensino é ofertada a jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso à educação na idade apropriada. Desse grupo de alunos, 33,3% tinham de 18 a 20 anos de idade, 47,7% de 21 a 30 anos, e 19,0% de 31 a 38 anos, a idade máxima percebida.

Em Ipameri, considerando o número de matrículas na educação básica por faixa etária, havia 930 estudantes com idade de 15 a 17 anos matriculados, o que corresponde à idade regular de estar no ensino médio. Nota-se, ainda, um número muito elevado de alunos com distorção idade-série, visto que, de 18 a 24 anos, idade regular de já estar na educação superior, havia 346 estudantes matriculados na educação básica de Ipameri, 124 na faixa etária dos 25 aos 39 anos, e 70 estudantes com idade igual ou superior a 40 anos (INEP, 2018).

Além disso, quando se considera apenas as 790 matrículas no ensino médio do município, constata-se que 638 estudantes têm até 17 anos de idade (80,7%), e, portanto, estão em idade regular; e 152 estão na faixa dos 18 a mais de 25 anos (19,3%). Desses, 110 possuem de 18 a 19 anos (72,4%), o que mostra que o seu atraso escolar não é muito grande e que, por isso, podem ter optado pelo ensino regular, ao invés da EJA (INEP, 2018).

Na EJA do município, como é de se esperar, apenas 88 do total de 397 matriculados possuem idade até 17 anos (22,2%), de modo que os demais 309 estudantes (77,8%) têm idade superior à regular de estar no ensino médio, e mais ainda no ensino fundamental. Os mais jovens, provavelmente, são os que estão matriculados na EJA no ensino fundamental. E, analisando apenas o grupo dos estudantes com idade igual ou superior a 18 anos, 68 possuem idade entre 18 e 19 anos (22,0%), 94 de 20 a 24 anos (30,4%), 32 de 25 a 29 anos (10,3%), 28 de 30 a 34 anos (9,1%), 25 de 35 a 39 anos (8,1%), e 62 com idade acima de 40 anos (20,1%) (INEP, 2018).

Em relação ao sexo dos estudantes, observou-se que, no ensino regular, 68,7% eram mulheres e 31,3% homens. Já na EJA, o quadro mostrou-se inverso, sendo a maioria homens, 61,9%, e 38,1% mulheres. Essa alteração da ordem também foi notada em Ipameri como um todo. Do total de 790 matrículas no ensino médio regular do município, 411 eram de mulheres (52%) e 379 de homens (48%). Já das 397 matrículas na EJA, as mulheres foram minoria, sendo que apenas 189 eram de mulheres (47,6%) e 208 de homens (52,4%) (INEP, 2018). Esse é um indicativo de que as mulheres tendem a concluir suas trajetórias acadêmicas no período regular de formação, e os homens apresentam mais atraso nos seus percursos formativos.

Quanto ao estado civil, constatou-se que, mesmo que no grupo da EJA haja mais casados que no grupo do ensino médio regular, nos dois grupos analisados o predomínio foi de solteiros sobre os casados. Dos estudantes do ensino médio regular, 96,9% eram solteiros e 3,1% casados, e na EJA 85,7% eram solteiros e apenas 4,3% casados.

Resultados do Censo Demográfico 2010 sobre nupcialidade revelam que, no Brasil, em 2010, 50,1% das pessoas de 10 anos ou mais de idade viviam em união conjugal e

49,9% não viviam ou nunca viveram em união conjugal. E das pessoas que viviam união conjugal, somente 10,6% eram casadas. O estudo ainda mostra que as uniões consensuais são mais frequentes entre pessoas com idade igual ou superior a 20 anos. Isso porque o percentual de pessoas com casamento civil e religioso com no máximo 19 anos foi de 0,6%, e de pessoas com união consensual nesse mesmo grupo etário de 4,8% (IBGE, 2010). Portanto, o baixo percentual de casamentos é uma tendência nacional, assim como é comum às pessoas com mais idade, e, logo, aquelas pertencentes à EJA, terem um número de matrimônios um pouco superior. Não se trata, pois, de um panorama exclusivo dos estudantes do final do ensino médio do Colégio Estadual Normal Professor Cesar Augusto Ceva, de Ipameri.

No que diz respeito ao aspecto raça/cor, averiguou-se o seguinte:

Quadro 2 – Perfil étnico por modalidade de ensino, no Colégio Estadual Normal Professor Cesar Augusto Ceva, no ensino médio de Ipameri e na população brasileira

	Colégio Estadual Normal Professor Cesar Augusto Ceva - 2018		Município de Ipameri - 2018		População brasileira - 2010
	Ensino médio regular	Educação de Jovens e adultos	Ensino médio regular	Educação de Jovens e adultos	
Branços	31,1%	23,8%	41,4%	32,7%	47,7%
Pardos	56,2%	61,9%	57,2%	61,7%	43,1%
Pretos	9,4%	9,5%	0,4%	4,2%	7,6%
Amarelos	-	4,8%	1,0%	1,4%	1,1%
Indígenas	3,1%	-	-	-	0,4%

Fonte: As autoras.

Considerando os alunos do terceiro ano do ensino médio regular e terceira etapa da EJA do Colégio Estadual Normal Professor Cesar Augusto Ceva, a hegemonia foi de pardos, seguidos de brancos. No ensino médio regular, 56,2% dos participantes da pesquisa se declararam pardos, 31,3% brancos, 9,4% negros e 3,1% indígenas. Já dos estudantes da EJA, 61,9% se afirmaram pardos, 23,8% brancos, 9,5% pretos e 4,8% amarelos.

Esse quadro é próximo ao panorama geral dos estudantes de Ipameri, pois, do total de 790 estudantes do ensino médio do município, 309 não declararam sua cor/raça. Mas, dos 481 que responderam, 57,2% se afirmaram pardos, 41,4% brancos, 1,0% amarelos e 0,4% pretos. Na EJA, do total de 397 estudantes matriculados, 112 não declararam sua raça/cor, e, dos 285 que se manifestaram, 61,7% se afirmaram pardos, 32,7% brancos, 4,2% pretos e 1,4% amarelos (INEP, 2018). Portanto, o predomínio em todo o município é de estudantes pardos, seguidos de brancos. Porém, quando se analisa especificamente os negros, o percentual dessa raça/cor nos estudantes do terceiro ano do ensino médio regular e EJA do colégio pesquisado foi maior que na comunidade escolar, em geral.

O quadro do colégio investigado também apresenta diferença em relação ao perfil étnico-racial nacional, visto que, de acordo com dados do Censo Demográfico 2010, a maioria da população brasileira, 47,7%, declara-se branca, 43,1% parda, 7,6% preta, 1,1%

amarela e 0,4% indígena e 0,1% não declarou. Dessa forma, nesse grupo de alunos investigado há maior percentual de pardos que na população brasileira, em geral, e também maior percentual de pretos; e, conseqüentemente, há menor representatividade de brancos.

No aspecto renda familiar mensal, constatou-se que a maioria dos estudantes pesquisados possui rendimento de 2 a 3 salários mínimos, o que é muito baixo, posto que se trata de renda familiar, e não individual. Dos estudantes do ensino médio regular, 56,2% têm renda familiar mensal de 2 a 3 salários, 21,9% de até 1 salário e 21,9% de 4 a 5 salários. Dos alunos da EJA, 47,6% possuem renda familiar mensal de 2 a 3 salários, 33,3% de até 1 salário, 14,3% de 4 a 5 salários e 4,8% de 6 a 8 salários. De modo geral, 78,1% dos estudantes do ensino médio regular e 80,9% dos estudantes da EJA têm renda familiar mensal de no máximo 3 salários mínimos.

Essa fragilidade socioeconômica também não é uma particularidade dos estudantes de Ipameri, mas reflete a vulnerabilidade social brasileira. No país, em 2010, do total de pessoas residentes em domicílios particulares, 3,7% não tinham nenhum rendimento nominal mensal domiciliar *per capita*; 58,4% tinham esse rendimento de até 1 de salário mínimo; 28,2% de mais de 1 a 3 salários mínimos; 5,0% de mais de 3 a 5 salários mínimos; 3,2% de mais de 5 a 10 salários mínimos; e 1,5% mais de 10 salários mínimos (IBGE, 2010).

Outro aspecto observado foi a participação desses estudantes na composição da renda familiar, no qual se constatou uma grande diferença entre os dois grupos. Enquanto 71,9% dos estudantes do ensino médio regular não trabalhavam e eram sustentados pela família e apenas 28,1% trabalhavam, no grupo dos estudantes da EJA aconteceu o inverso, de modo que 85,7% deles eram trabalhadores, sendo que somente 14,3% se encontravam sem trabalhar. Também merece destaque o fato de que 33,3% dos estudantes da EJA trabalhavam e eram responsáveis pelo sustento de toda a família, situação que não ocorreu com os alunos do ensino regular.

No Brasil, a taxa de ocupação dos jovens de 15 a 29 anos é de 57%; no Centro-Oeste, esse percentual é um pouco maior, sendo de 60%; e em Goiás chega a 61%. A taxa de ocupação dos jovens de Goiás somente é menor que a de Santa Catarina (69,7%), Paraná (65,1%), Mato Grosso do Sul (64,9%), Rio Grande do Sul (64,6%), São Paulo (61,7%) e Minas Gerais (60,6%). Outro dado importante é que a taxa de desocupação das pessoas mais jovens é de fato menor em todo o Brasil. Enquanto no grupo de pessoas com idade igual ou superior a 25 anos a taxa de desocupação é de 12,2%, no grupo de pessoas com idade de 16 a 24 anos esse percentual é de 14,8% (IBGE, 2014).

Já em termos de tipo de vínculo empregatício, notou-se que, no grupo dos estudantes do ensino médio, a primazia foi de estudantes que realizavam estágio remunerado (40%), seguidos dos que possuíam emprego fixo com carteira assinada (30%), dos que tinham emprego fixo, mas sem carteira assinada (20%) e, por últimos, os que realizavam trabalho informal (1%). Nesse caso, o fato de o estágio aparecer em primeiro lugar se justifica por se tratarem de estudantes mais jovens, que se encaixam no perfil de menores aprendizes.

Já no grupo dos estudantes da EJA, o que prevaleceu foi o trabalho fixo com carteira assinada (50%), seguido do trabalho fixo, mas sem carteira assinada (20%), do trabalho informal (15%) e do serviço autônomo (15%). Ou seja, por se tratarem de estudantes mais velhos, por mais que eles ainda não tenham o nível médio de formação concluído e sejam pouco qualificados, eles já estão colocados no mercado de trabalho.

No Brasil, em 2010, das pessoas de 10 anos ou mais de idade ocupadas, 70,8% estavam empregadas, 21,5% trabalhavam por conta própria, 2,0% eram empregadores, 1,7% exerciam trabalho não remunerado, e 4,0% trabalhavam na produção para consumo próprio. Dos trabalhadores empregados, 63,9% tinham carteira de trabalho assinada, 28,5% não tinham carteira de trabalho assinada, e 7,6% eram militares ou funcionários públicos estatutários. Já em 2013, das pessoas de 16 anos ou mais ocupadas, 58% estavam em trabalhos formais e 42% em trabalhos informais (IBGE, 2014).

Em termos de ocupação, de acordo com dados do IBGE (2019), 19,6% da população de Ipameri era ocupada. Porém, 34,2% da população tinha rendimento nominal mensal *per capita* de até $\frac{1}{2}$ salário mínimo, sendo o salário médio mensal dos trabalhadores formais 2,1 salários mínimos, o que indica um quadro de extrema fragilidade socioeconômica.

A vulnerabilidade socioeconômica dos estudantes desta pesquisa revela trajetórias familiares carentes de uma formação que propicie uma inserção mais qualificada no mercado de trabalho, que resulte em melhor remuneração e, logo, maior renda familiar, como se vê no quadro a seguir:

Quadro 3 – Percentual do nível de escolaridade dos genitores– ensino médio regular e educação de jovens e adultos

	Mães		Pais	
	Ensino médio regular	Educação de jovens e adultos	Ensino médio regular	Educação de jovens e adultos
Nenhuma	3,1%	-	6,3%	14,3%
Fundamental incompleto	12,5%	38,0%	37,5%	47,6%
Fundamental completo	6,3%	9,5%	15,6%	14,2%
Médio incompleto	6,3%	19,1%	6,3%	9,5%
Médio completo	43,7%	19,1%	18,7%	4,8%
Superior incompleto	-	-	3,1%	4,8%
Superior completo	12,5%	4,8%	-	4,8%
Pós-graduação incompleta	3,1%	-	-	-
Pós-graduação completa	12,5%	9,5%	12,5%	-

Fonte: As autoras.

Ao analisar a escolaridade das mães dos estudantes investigados, verificou-se que apenas 28,1% das genitoras dos estudantes do ensino médio regular possuíam nível de escolarização igual ou superior ao ensino superior completo. No grupo dos estudantes da EJA, esse percentual foi ainda menor, de apenas 14,3%. Esse resultado está em consonância com a realidade de nível de acesso à educação superior no Brasil, visto que,

de acordo com os dados do Censo da Educação Superior de 2016, em 2015, a taxa líquida³ de escolarização das pessoas com idade regular de 18 a 24 anos era de apenas 17,8%, e a taxa bruta⁴ de 32,6% (INEP, 2016). Depreende-se, pois, que o acesso à educação superior ainda é um desafio no Brasil.

De outro ponto, considerando o baixo nível de escolaridade básica, reafirma-se que a maior fragilidade está na formação das mães dos estudantes da EJA, visto que 47,5% dessas mulheres possuíam, no máximo, ensino fundamental completo; e no grupo de alunos do ensino regular esse percentual foi bem menor, de apenas 21,9%. Já as mães que possuíam uma formação intermediária, de ensino médio incompleto ou completo, no grupo dos alunos do ensino médio regular elas representaram 50%, ao passo que no grupo de estudantes da EJA foram 38,2%.

Já considerando a formação dos pais, identificou-se que eles possuem menor nível de escolaridade que as mães. Apenas 12,5% dos pais de alunos do ensino médio regular possuíam ensino superior completo ou formação mais elevada, e no grupo dos alunos da EJA esse percentual foi ainda mais reduzido, de somente 4,8%. Já quando se trata da formação mais elementar, 59,4% dos pais dos estudantes do ensino médio regular e 76,1% da EJA possuíam, no máximo, ensino fundamental incompleto. Em termos de formação em nível médio, completo ou incompleto, 25% dos pais do ensino regular e 14,3% da EJA a possuíam.

No mais, pelos dados apresentados, conclui-se que, tanto no grupo das mães como no dos pais, a formação dos genitores dos alunos do ensino regular é superior. Isso é um indicativo de que os pais com melhor formação influenciam de forma positiva a trajetória escolar dos filhos. Nessa direção, Barber-Madden e Saber (2010) afirmam que é preciso reconhecer que as oportunidades de acesso ao sistema educacional são determinadas pelos padrões de desigualdade de gerações anteriores. Logo, as melhores chances de escolarização dos jovens de hoje resultarão em maiores oportunidades de educação às futuras gerações.

Além disso, a formação das mulheres também se mostrou superior, o que está em consonância com o quadro apresentado na sociedade brasileira. Dados do Censo Demográfico de 2010 mostram que, das pessoas sem instrução ou apenas com ensino fundamental completo, 50,7% eram homens e 49,3% mulheres, o que indica um predomínio de homens, mesmo que pequeno. Já em todos os outros níveis, que representam uma maior escolarização, as mulheres foram predominantes. Prova disso é que, do grupo das pessoas com ensino fundamental completo e médio incompleto, 52,7% eram homens e 47,3% mulheres. Do grupo das pessoas com ensino médio completo e superior incompleto, 46,3% eram homens e 53,7% mulheres. E no grupo das pessoas com ensino superior completo, 41,8% eram homens e 58,2% mulheres (IBGE, 2010). Portanto, quanto maior o nível de formação, mais representativa é a presença de mulheres, ao passo que os homens são predominantes apenas nos níveis mais baixos de escolarização.

³ Taxa líquida: percentual da população de 18 a 24 anos na educação superior.

⁴ Taxa bruta: percentual da população na educação superior sobre o universo da população de 18 a 24 anos.

Considerando esse quadro geral de pouca escolarização dos pais dos estudantes investigados, Dayrell e Jesus (2016) consideram importante compreender que

[...] a pouca escolaridade das famílias das camadas populares, boa parte delas apresentando uma migração rural relativamente recente, reforça uma diferença cultural significativa, com a predominância da cultura oral, formas de socialização com valores e visões de mundo próprias, entre outras características, que também vão interferir nas relações que essas famílias estabelecem com a escola (DAYRELL; JESUS, 2016, p. 411).

Tendo isso em vista, Felicetti e Cabrera (2017) afirmam que, ser a primeira geração a se graduar, ou, no caso deste estudo, com expectativas de ingressar na educação superior, é bastante representativo no campo da mobilidade social. Isso porque “[...] é uma nova geração que tem acesso ao conhecimento, a novos saberes, cultura e relações novas e diferentes formas de ver, pensar, agir e enfrentar o mundo” (FELICETTI; CABRERA, 2017, p. 887). Sendo assim, a expectativa de ingressar na educação superior ou técnica/tecnológica representa, para esses jovens, a possibilidade de conquistar melhores condições de vida.

Entretanto, Franco e Novaes (2001) advertem sobre a necessidade de desmistificar a imagem atribuída à escolarização de ser capaz de promover a ascensão social de forma linear e rápida. Na compreensão das autoras, “Cabe, pois, explicar junto aos alunos os inúmeros obstáculos contextuais e conjunturais que, concretamente, dificultam o alcance de determinadas metas e de alguns objetivos específicos” (FRANCO; NOVAES, 2001, 180).

Expectativas e Projetos de Continuidade dos Estudos Após a Conclusão do Ensino Médio

Segundo definição do Priberam Dicionário (2019), expectativa significa: “ato ou efeito de esperar; esperança baseada em supostos direitos, probabilidades, pressupostos ou promessas; ou ainda ação ou atitude de esperar por algo ou por alguém”. No caso dos estudantes do final do ensino médio, modalidades regular e EJA, do Colégio Estadual Normal Professor Cesar Augusto Ceva, de Ipameri, foram averiguadas suas expectativas no que se refere à continuidade dos estudos após a conclusão da última etapa da educação básica.

Souza e Vazquez (2015, p. 413) lembram que “[...] as expectativas não podem ser consideradas como sinônimo dos desejos pessoais, mas como o resultado da tensão entre estes e o reconhecimento social das condições objetivas, dependentes em última instância da posição na estrutura social”. Dessa forma, firma-se um embate entre o que verdadeiramente se deseja e as condições concretas para que isso se realize. Por este estudo tratar especificamente de estudantes de uma escola pública estadual, localizada em um município do interior do estado de Goiás, com população estimada em 2018 de apenas 26.796 habitantes, quais são as verdadeiras possibilidades de os mesmos conseguirem realizar suas expectativas?

No quesito expectativas para após a conclusão do ensino médio, verificou-se o seguinte panorama:

Quadro 4 – Expectativas para após a conclusão do ensino médio

	Ensino médio regular	Educação de jovens e adultos	Jovens brasileiros de 18 a 24 anos - 2013
Apenas trabalhar	3,1%	9,5%	46,0%
Apenas estudar	3,1%	-	15,1%
Estudar e trabalhar	93,8%	90,5%	14,9%
Não trabalhar nem estudar	-	-	24,0%

Fonte: As autoras.

Dos alunos objeto desta pesquisa, a maior parte, nos dois grupos investigados, pretende estudar e trabalhar. Dos alunos do ensino médio regular, 93,8% pretende estudar e trabalhar, 3,1% apenas trabalhar e 3,1% apenas estudar. Já no grupo dos estudantes da EJA, 90,5% pretendem estudar e trabalhar, e os demais 9,5% apenas trabalhar. Nesse grupo de alunos, que são mais velhos e no qual muitos já estão inseridos no mercado de trabalho, sendo, inclusive, provedores não apenas de si próprios, mas de toda a família, não há expectativa de dedicar apenas aos estudos. Isso não acontece com os mais jovens, pois é comum que os pais mantenham os seus filhos até a formação em nível superior.

Na compreensão de Dayrell e Jesus (2016, p. 413), “[...] a relação trabalho-escola não é simples, pois geralmente se configura em projetos que se superpõem ou que sofrem ênfases diversas de acordo com o momento do ciclo da vida e as condições sociais que lhes permitam viver a condição juvenil”. Tendo isso em causa, é elevado o número de estudantes que almejam conciliar o trabalho com o estudo, mas que não conseguem articulá-los.

De acordo com a Síntese dos Indicadores Sociais, publicada pelo IBGE (2014), em 2013, dos jovens brasileiros de 18 a 24 anos, que são aqueles com idade regular para estar na educação superior, e que, portanto, já deveriam ter concluído o ensino médio, apenas 14,9% conseguiam trabalhar e estudar. A maioria deles, 46,0%, apenas trabalhava, 24,0% não trabalhava nem estudava e 15,1% somente estudava. Já quando se considera os jovens com idade um pouco superior, de 25 a 29 anos, que se aproxima mais dos alunos concluintes da EJA, o percentual dos que trabalhava e estudava era ainda menor, de 7,8%, dos que apenas trabalhava de 67,2%, e, dos demais, 21,8% não trabalhava nem estudava e 3,2% somente estudava.

Em Goiás, considerando-se os jovens de 18 a 24 anos de idade no ano de 2013, o cenário se mostrou um pouco mais favorável que o nacional, visto que 18,3% desses jovens trabalhavam e estudavam, 46,1% apenas trabalhavam, 20,4% não trabalhava nem estudava e 15,2% somente estudava. Vale destacar que o estado com maior percentual de jovens que não trabalhava nem estudava foi o Amapá, com 33,3%, e o com menor percentual de jovens desocupados e sem dar continuidade aos estudos foi Santa Catarina, com 13,5% (IBGE, 2014).

Portanto, apesar desses estudantes, quando no ensino médio, terem boas expectativas em relação à possibilidade de conciliar seus estudos com o trabalho, a dureza da rotina diária acaba os direcionando apenas para o mercado de trabalho, visto que, em razão de suas vulnerabilidades de ordem socioeconômica, têm que conseguir meios de custear suas despesas, e, às vezes, as de toda sua família.

Esses estudantes, que em grande maioria pretendem conciliar os estudos com o trabalho, também foram questionados sobre que tipo de curso pretendem cursar. Nesse aspecto, verificou-se que, dos alunos do ensino médio regular, a maioria absoluta, 90,6%, pretendia realizar curso superior, e apenas 9,4% almejava um curso técnico/profissionalizante. Já dos alunos da EJA, apesar de a maioria dos estudantes, 57,1% do total, também desejar um curso superior, o percentual dos que desejavam cursos técnico/profissionalizante foi significativo, de 42,9%. Essa diferença pode se dar em razão de que, como os estudantes da EJA, em sua maioria, já trabalham, eles buscam por uma formação que seja técnica, prática, voltada para o mercado de trabalho. Já os estudantes do ensino médio regular, como estão seguindo um fluxo regular de escolarização e trajetória de vida, podem se dedicar aos estudos de caráter propedêutico, a uma formação mais acadêmica.

Nota-se, pois, uma alta expectativa de cursar um curso superior por parte dos jovens alvo desta pesquisa. Entretanto, Souza e Vazquez (2015) chamam a atenção para o fato de que

[...] os sujeitos nem sempre são completamente conscientes das dificuldades encontradas, por exemplo, para acender ao ensino superior, seja pelos limites estruturais (número de vagas existentes), seja por percalços apresentados em sua trajetória (reprovação no exame vestibular, impossibilidade de arcar com os gastos na universidade, ou abandono dos estudos pela necessidade de trabalhar) (SOUZA; VAZQUEZ, 2015, p. 413).

Resultado disso é que, no Brasil, em 2012, apenas 15,2% das pessoas com idade de 25 a 34 anos, com idade regular para ter a educação superior já concluída, tinham-na terminado. Isso é um indício de que a educação superior não se apresenta como um caminho para grande parcela dos jovens brasileiros. Outro dado que evidencia isso é o fato de que, enquanto a taxa de frequência bruta a estabelecimentos de ensino da população de 15 a 17 anos, que corresponde à idade regular do ensino médio, é de 84,3%, na faixa etária dos 18 anos ou mais, que corresponde a pessoas que já poderiam estar na educação superior, ou mesmo tê-la concluído, esse percentual é de apenas 34,2% (IBGE, 2014). Esses dados mostram que grande parte dos estudantes têm suas trajetórias educacionais interrompidas após a conclusão do ensino médio.

No mais, é preciso considerar que, além dos cursos superiores tradicionais de bacharelado e licenciatura, outra possibilidade que desponta para estudantes brasileiros são os cursos tecnológicos, que são cursos superiores de formação especializada e de curta duração. No Brasil, sobretudo em razão da criação, no ano de 2008, da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, e no âmbito desta, dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs), as matrículas em cursos tecnológicos se expandiram de forma significativa. Segundo dados do Censo da Educação Superior de

2017, em 2007 foram 414.822 matrículas nesses cursos, considerando as modalidades presencial e a distância; e em 2007 foram 999.289 matrículas, o que representa um crescimento de 140,9% (INEP, 2017b).

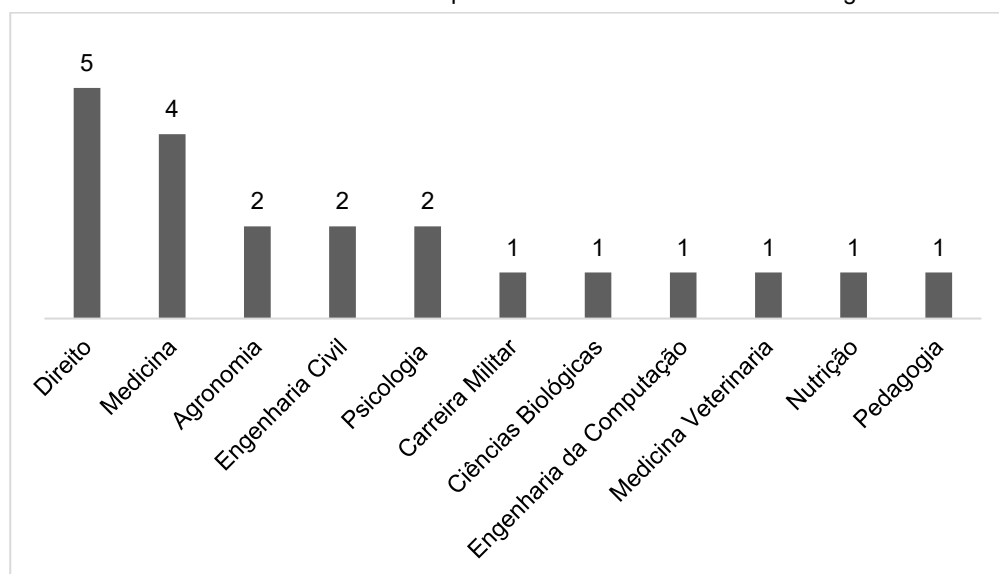
Portanto, os jovens concluintes do ensino médio se deparam com uma diversidade de possibilidades de cursos para dar sequência a suas trajetórias formativas. Há uma variedade de tipos de cursos superiores, situados em oito áreas do conhecimento, de acordo com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Exatas e da Terra, Engenharias, Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas e Linguística, Letras e Artes. O Guia do Estudante apresenta uma relação de 233 profissões que podem ser seguidas pelos estudantes.

Além disso, há um Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (2014) que apresenta um rol de 227 cursos, em treze eixos tecnológicos, quais sejam: Ambiente e Saúde, Controle e Processos Industriais, Desenvolvimento Educacional e Social, Gestão e Negócios, Informação e Comunicação, Infraestrutura, Militar, Produção Alimentícia, Produção Cultural e Design, Produção Industrial, Recursos Naturais, Segurança, e Turismo, Hospitalidade e Lazer. Por assim ser, os jovens do século XXI se deparam com uma possibilidade muito ampla de trajetórias formativas, o que impacta nas suas escolhas.

Dos estudantes do final do ensino médio que participaram desta pesquisa, a maioria, 68,7% do grupo do ensino regular e 57,1% do grupo da EJA, já decidiu que curso fazer. Porém, ainda há 31,3% e 42,9% de alunos nos dois grupos mencionados, respectivamente, que ainda não decidiram sobre suas escolhas.

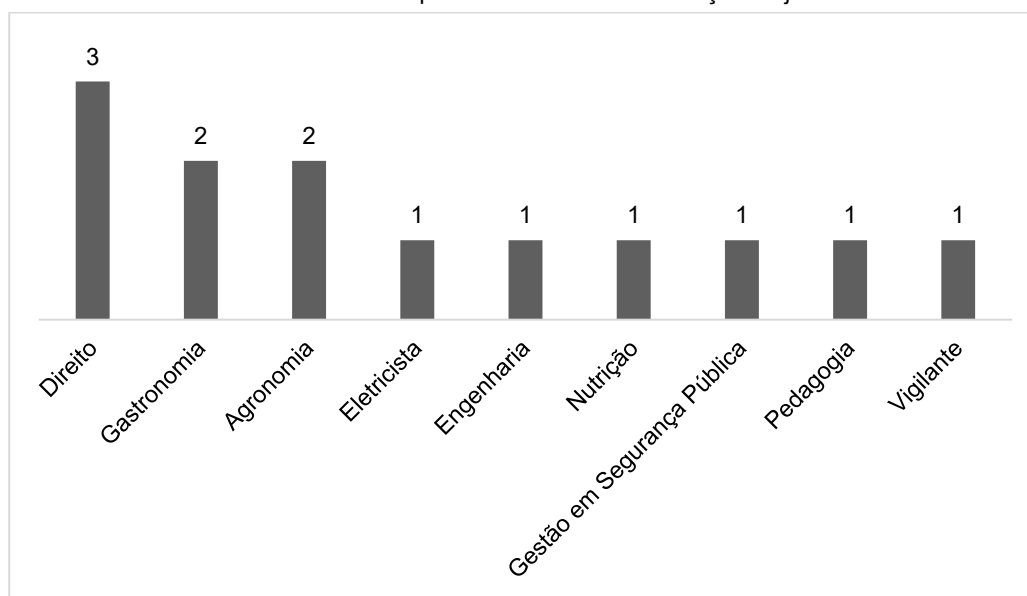
Considerando apenas os estudantes que já fizeram suas escolhas, os cursos que despontaram estão apresentados nos gráficos abaixo:

Gráfico 1 – Cursos escolhidos pelos estudantes do ensino médio regular



Fonte: As autoras.

Gráfico 2 – Cursos escolhidos pelos estudantes da educação de jovens e adultos



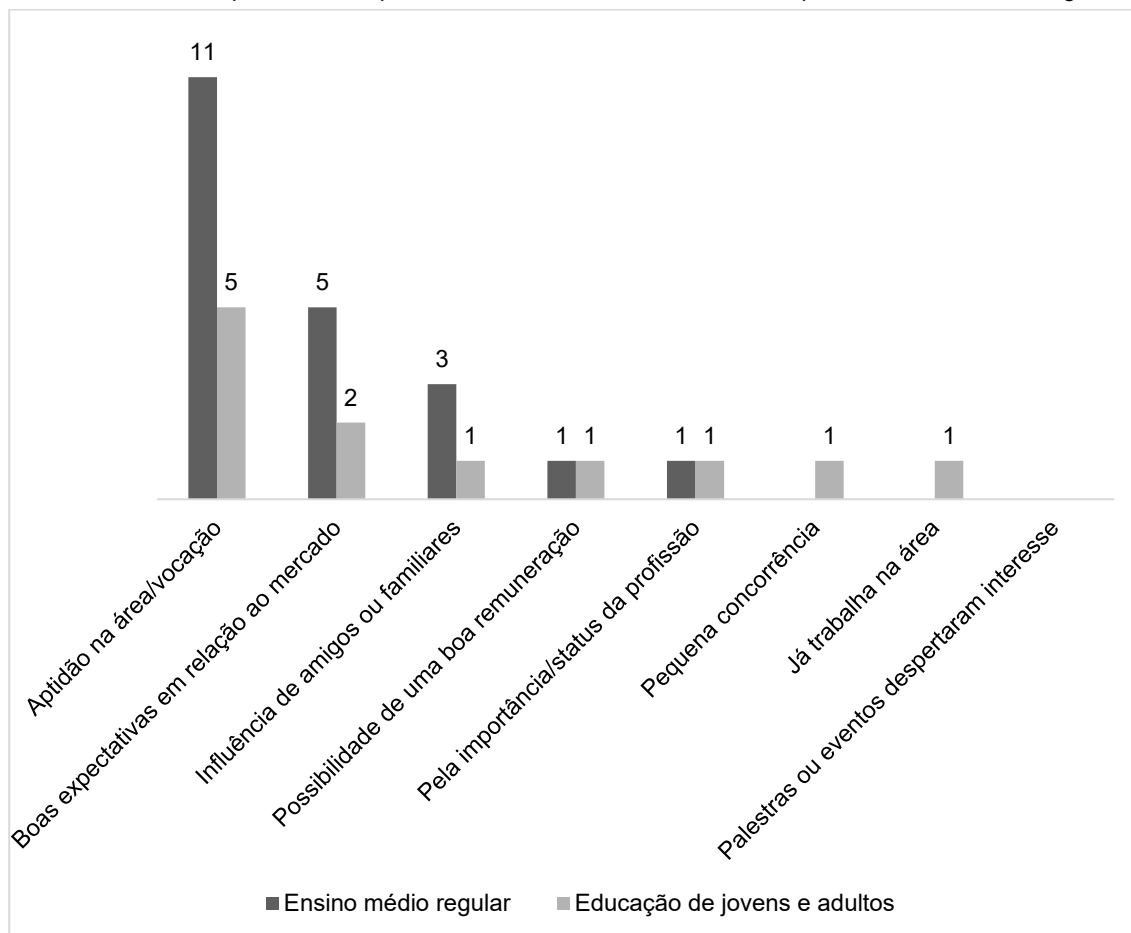
Fonte: As autoras.

Verifica-se que nos dois grupos de estudantes analisados o curso mais almejado é o Direito. Medicina também teve um destaque positivo, apesar de ter se apresentada como escolha apenas dos estudantes do ensino médio regular. Esses dois cursos são preferência nacional, visto que, no Sistema de Seleção Unificada (Sisu) do primeiro semestre de 2018, os dois cursos com maior número de inscrição foram Medicina e Direito (GUIA DO ESTUDANTE, 2018). Além desses, Agronomia também apareceu entre as opções dos estudantes, por se tratar de um curso que é ofertado na UEG do próprio município de Ipameri, e também por ter relação com as características da economia local, que tem sua base na agropecuária. Os demais foram cursos variados e que foram mencionados poucas vezes.

Outro fator que merece destaque é o fato de cursos técnicos/profissionalizantes serem citados pelos estudantes da EJA, como Gastronomia, Eletricista, Gestão em Segurança Pública e Vigilante. Parte significativa dos estudantes desse grupo já havia manifestado a opção por cursos nesse formato, em detrimento de cursos superiores, o que se confirmou no aspecto da escolha do curso.

Em relação aos motivos que influenciaram os alunos na escolha do curso, as respostas foram as seguintes:

Gráfico 3 – Principais motivos que influenciaram a escolha do curso superior ou técnico/tecnológico



Fonte: As autoras.

Como se observa, tanto para os alunos do ensino médio regular como para os da EJA, o fator preponderante na escolha foi a aptidão na área, a vocação, seguida das boas expectativas em relação ao mercado de trabalho. Portanto, nota-se uma tendência de conciliar os interesses e gostos pessoais com a possibilidade de inserção no setor produtivo. Depois, apareceu a influência de amigos familiares, que é comum de acontecer principalmente quando se conhecem pessoas próximas que são bem sucedidas e/ou felizes em suas áreas de formação e atuação.

Outro ponto que merece relevo é o fato de que, apesar de o curso de Direito, o mais elegido pelos estudantes analisados, ser um curso de elevado prestígio social, ao justificarem suas escolhas, o aspecto importância/status da profissão não foi muito mencionado. Sendo assim, pelo menos pelo que manifestaram os alunos, esse curso parece ter sido escolhido mais por sua diversidade de campos de atuação no mercado de trabalho e retorno financeiro que o mesmo propicia, do que pelo prestígio social que possui.

Ainda merece nota o fato de que poucos estudantes mencionaram que escolheram o curso porque trabalham na área. Isso porque, no grupo dos alunos do ensino médio regular, a maioria não trabalha; e os alunos da EJA, apesar de trabalharem, são pessoas

com quadro de vulnerabilidade socioeconômica, o que é sinal de que não ocupam postos qualificados no mercado. Portanto, apesar de trabalharem, não atuam na área de formação que desejam conquistar.

Ainda é importante refletir sobre o quanto os estudantes conhecem sobre a área de atuação profissional dos cursos que escolherem fazer após a conclusão do ensino médio. De todos que já definiram o curso, 77% dos alunos do ensino médio regular afirmaram conhecer bem ou muito bem essa área; enquanto dos alunos da EJA esse percentual foi menor, de 58,4%. Dos alunos do ensino regular, nenhum mencionou que conhece pouco a área e 22,7% afirmou que a conhece razoavelmente. Já no grupo dos alunos da EJA, 8,3% disse conhecer pouco a área do curso escolhido, e 33,3% razoavelmente.

Pelo exposto, depreende-se que os alunos do ensino médio regular, no geral, são mais conhecedores da área. Isso pode ser explicado em razão de serem estudantes mais jovens, que não trabalham, e, que, por isso, têm mais disponibilidade para pesquisar sobre a carreira escolhida, seja ela no âmbito do próprio curso, ou mesmo da atuação no mercado de trabalho.

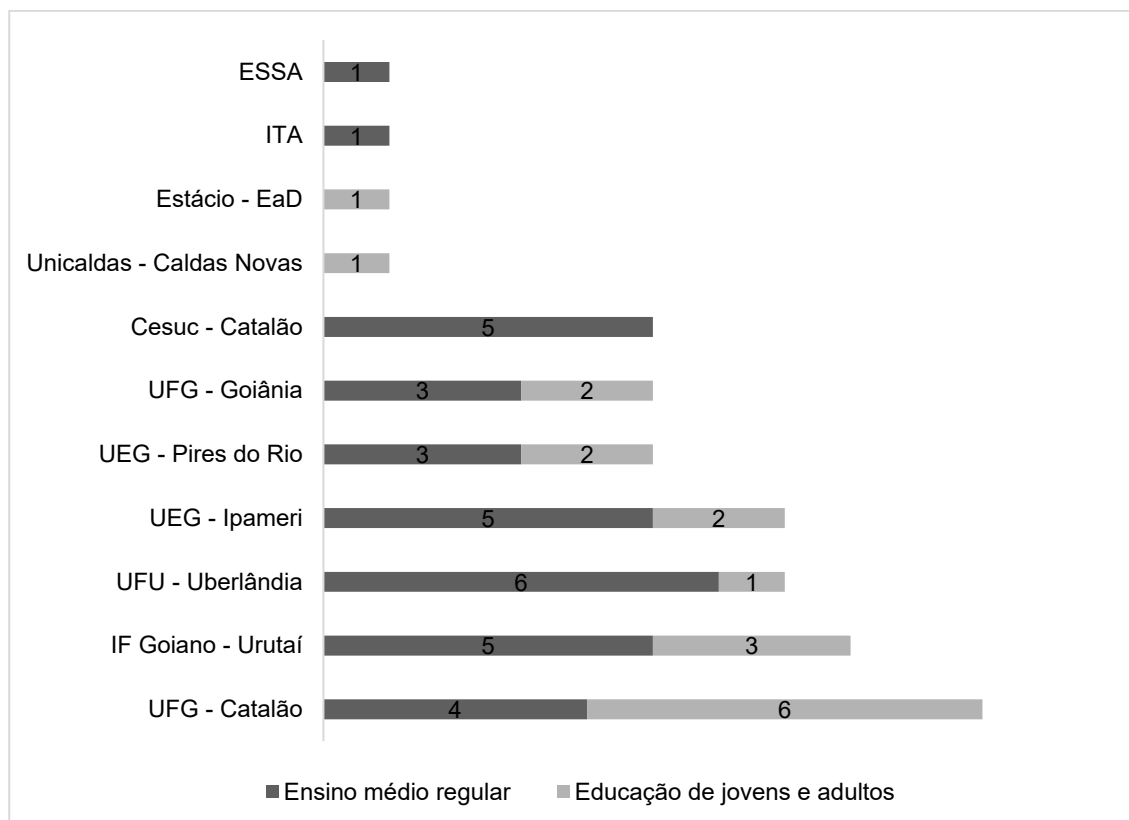
Todavia, é preciso ponderar que nem todas as escolhas de curso foram feitas com segurança total, haja vista que 56,2% dos estudantes do ensino médio regular e 33,3% dos estudantes da EJA afirmaram que tiveram dúvida no momento da definição. Logo, no ensino médio regular foi a minoria de 43,8% que fez uma escolha mais segura; e na EJA esse percentual já foi maior, de 66,7%. A maior segurança desse último grupo pode se dar em razão da idade, o que de alguma forma implica em maior maturidade na tomada de decisões.

Ainda no que diz respeito à escolha do curso, os alunos também foram questionados se seus familiares aprovaram suas escolhas. Nenhum dos estudantes teve a escolha reprovada, de modo que a maioria foi de aprovação, em 86,4% dos casos do ensino médio regular e em 75,0% da EJA. Mas houve casos em que os familiares não se manifestaram, o que ocorreu com 13,6% estudantes do ensino médio regular e com 25% da EJA. Isso mostra que há famílias que não se envolvem ou não interferem nas escolhas dos seus filhos, cônjuges ou mesmo pais.

Pesquisa realizada em uma escola estadual da região metropolitana de Belo Horizonte, em Minas Gerais, constatou que: “[...] os alunos cujas famílias consideram importante que eles cursem o ensino superior, têm 16 vezes mais chances de desejarem ingressar na universidade, quando comparados aos colegas que não receberam esse tipo de incentivo das suas famílias” (BRAGA; XAVIER, 2016, p. 257-258). Esse dado mostra a importância do apoio familiar, e, logo, da aprovação da escolha do curso, para a continuidade dos estudos.

Sobre o tipo de instituição em que pretendem estudar, a hegemonia nos dois grupos foi de desejar ingressar em uma instituição pública, visto que 84,4% dos estudantes do ensino médio regular e 76,2% da EJA manifestaram esse interesse. Os demais consideraram a possibilidade de estudar em instituições privadas. Esse dado foi confirmado quando esses mesmos estudantes foram indagados sobre qual instituições almejam, ao que responderam o seguinte:

Gráfico 4 – Instituição de ensino em que pretendem continuar sua formação em nível superior ou técnico/tecnológico



Fonte: As autoras.

A predominância de instituições públicas foi confirmada. Das 11 instituições mencionadas com interesse dos estudantes, as oito foram públicas e três privadas. No mais, as públicas ocupam os seis primeiros lugares quando essas instituições são ranqueadas por número de interessados.

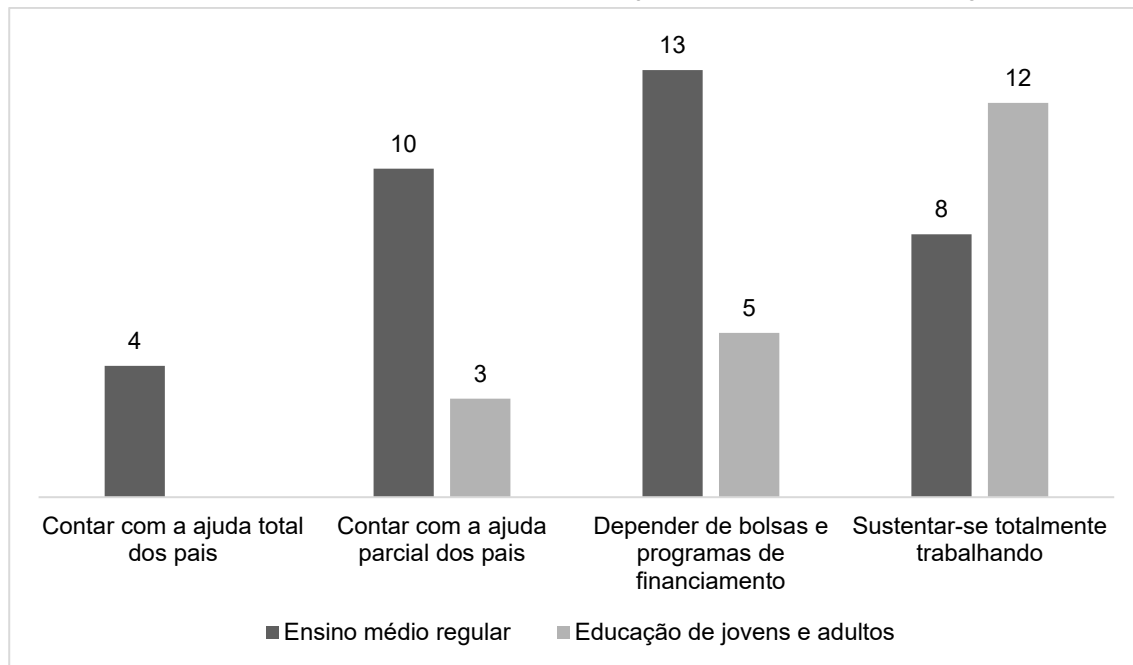
Também é importante dizer que todas as instituições mencionadas – exceto o Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA) e a Escola de Sargentos das Armas (EsSA), que estão localizadas, respectivamente, em São José do Rio Preto-SP e Três Corações-MG – estão situadas muito próximas a Ipameri. Mesmo a UFU, que está localizada em Uberlândia, no estado de Minas Gerais, está a apenas 170 km de distância de Ipameri. Urutaí, a mais próxima, dista a 34 km, Pires do Rio a 52 km, Catalão a 53 km, Caldas Novas a 61 km e Goiânia a 198 km.

Por assim ser, pode-se inferir que, a despeito de políticas públicas como o Sistema de Seleção Unificada (Sisu) para acesso à educação superior – o que permite que, utilizando a nota do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), o estudante escolha até duas opções de curso, em qualquer instituição federal de educação superior do Brasil – a grande maioria dos estudantes ainda opta por instituições e cursos próximos de casa. Isso pode ter influência de fatores socioeconômicos, posto que, mesmo conseguindo ingressar

em uma instituição pública, é dispendioso custear a vida em uma cidade nova, sem o aporte financeiro da família. Ademais, essa mudança se torna ainda mais desafiadora quando não se tem o aporte afetivo e emocional dos membros da família.

Os estudantes do final do ensino médio regular e EJA do Colégio Estadual Normal Professor Cesar Augusto Ceva também foram questionados sobre a forma como pretendem custear sua formação superior ou técnica/tecnológica, ao que manifestaram o seguinte:

Gráfico 5 – Como pretende custear sua formação superior ou técnica/tecnológica



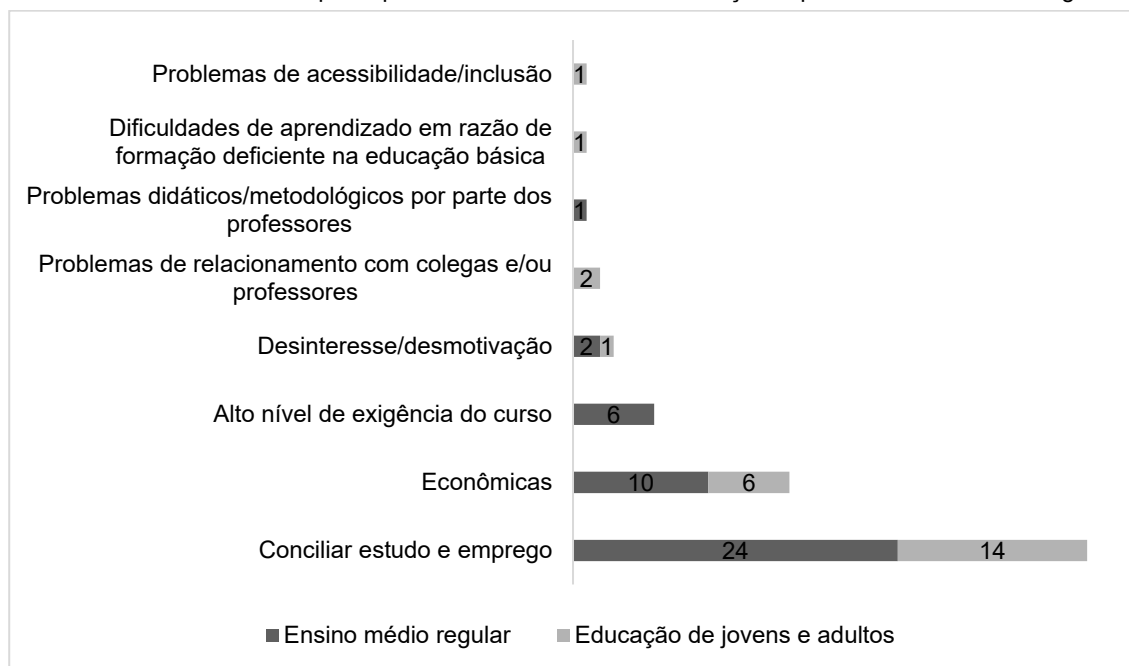
Fonte: As autoras.

Como se nota, do grupo dos estudantes do ensino médio regular, a maioria pretende depender de bolsas e programas de financiamento ou contar com a ajuda parcial dos pais. Esse panorama se explica por se tratarem de alunos mais jovens, sendo que a maioria ainda não trabalha e depende financeiramente dos pais. Com o término do ensino médio, eles esperam continuar recebendo esse apoio familiar, mesmo que também vejam outras alternativas, como as bolsas e programas de financiamento, e mesmo o próprio trabalho.

Já do grupo dos alunos da EJA, os aspectos que sobressaíram foram sustentar-se totalmente trabalhando e depender de bolsas e programas de financiamento. O fato desse grupo de alunos ambicionar custear sua formação a partir dos proventos de seu próprio trabalho se justifica por serem estudantes em uma faixa etária mais elevada, maiores de 19 anos, e a maioria trabalhadores. Logo, nesse grupo, a expectativa de contar com os proventos da família como auxílio é menor.

Os estudantes que participaram desta pesquisa também assinalaram as dificuldades que esperaram enfrentar em sua trajetória acadêmica após a conclusão do ensino médio.

Gráfico 6 – Dificuldades que esperam enfrentar durante a formação superior ou técnica/tecnológica



Fonte: As autoras.

Os principais fatores apontados pelos dois grupos, do ensino médio regular e da EJA, foram: conciliar estudo e emprego, dificuldades econômicas e alto nível de exigência do curso. Esses três pontos se relacionam com a vulnerabilidade socioeconômica desse grupo de alunos, que os encaminha para o mercado de trabalho para custear suas vidas e seus estudos. Diante disso, terão dificuldades de conciliar o trabalho com os estudos, e até mesmo perceberão o curso com um alto nível de exigência ou dificuldade. Desse modo, é necessário reconhecer o quanto os fatores sociais e econômicos, externos à vida escolar, podem influenciar negativamente a construção das trajetórias formativas dos estudantes, o que representa um grande desafio para os gestores educacionais.

Como evidenciado, os aspectos propriamente educacionais, como problemas didáticos/metodológicos por parte dos professores, dificuldades de aprendizado em razão de deficiência na formação na educação básica, e mesmo problemas de acessibilidade e inclusão, pouco foram mencionados. Com isso, entende-se que os fatores externos são mais temidos como provocadores de dificuldades de estudar do que os próprios fatores educacionais.

Mas, como visto, mesmo esperando enfrentar dificuldades, a grande maioria dos concluintes do ensino médio participantes desta pesquisa deseja dar continuidade aos seus estudos e têm expectativas positivas em relação a isso, como se vê no gráfico abaixo:

Gráfico 7 – Expectativas em relação à formação superior ou técnica/tecnológica



Fonte: As autoras.

É notório que as duas principais expectativas são em relação à formação para o emprego/carreira e conseguir um diploma de nível superior. Isso se justifica visto que, na sociedade brasileira, os que detêm diploma de nível superior ou técnico possuem melhores chances de se inserir no mercado, e ainda recebem melhor remuneração. Portanto, os estudantes, principalmente os pertencentes às parcelas menos favorecidas da população, grande parte filhos de pais com pouca escolarização, percebem nos mais elevados níveis de ensino uma oportunidade melhorar de vida.

Considerando todas as expectativas apresentadas pelos estudantes em relação ao futuro após a conclusão do ensino médio, Gracioli (2016) chama a atenção para a necessidade de colocar ações em execução, a fim de que seus projetos de vida não se tornem meros desejos. A autora acredita que “[...] elaborar projetos e estabelecer ações para sua realização é uma forma de lançar ao futuro as perspectivas e as possibilidades, resultantes das atividades realizadas e criadas a partir da ideia de responsabilidade com a própria vida” (GRACIOLI, 2016, p. 7).

Mas não se pode perder de vista que “[...] o gênero, a faixa, o fato de terem como pais trabalhadores desqualificados, grande parte deles com baixa escolaridade, dentre outros aspectos, são dimensões que vão interferir na produção de cada um deles como sujeito social, independente da ação de cada um” (DAYRELL, 2003, p. 43). Portanto, há aspectos que são desafiadores, mas que podem ser superados pela luta, pela garra de cada um. Outros, por sua vez, estão relacionados a fatores diversos, imbricados na estrutura da sociedade, que impossibilitam ou dificultam que as potencialidades dos sujeitos sejam desenvolvidas, a despeito de sua vontade e esforço individual.

Considerações Finais

Este estudo procurou compreender as expectativas dos estudantes do terceiro ano do ensino médio, modalidades regular e EJA, do Colégio Estadual Normal Professor Cesar Augusto Ceva, de Ipameri, Goiás, em relação à continuidade de seus estudos. Para tanto, foi analisado o perfil socioeconômico dos estudantes, bem como as expectativas e projetos de continuidade dos estudos após a conclusão do ensino médio.

Em termos de perfil socioeconômico, o estudo mostrou que algumas diferenças importantes entre o grupo dos estudantes do ensino regular e da EJA. No aspecto idade, os estudantes do ensino regular se mostraram mais jovens, apresentando no máximo 19 anos, e os da EJA apresentaram idade até 38 anos, o que é comum de acontecer visto que estes estão em distorção idade-série. Outra diferença foi em relação ao sexo, pois, no ensino médio regular as mulheres são predominantes, e na EJA os homens são maioria, o que tem relação com o maior nível de escolarização das mulheres em todo o Brasil. Em se tratando de perfil étnico/racial, em ambos os grupos de estudante o que predomina são os pardos, seguidos dos brancos. Também em ambos os casos, o percentual de negros é superior ao nacional.

O estudo também revelou que a maioria significativa dos estudantes da fase final do ensino médio regular e da EJA possuem renda familiar mensal de no máximo três salários mínimos, o que indica uma fragilidade socioeconômica acentuada. Porém, quando se observa a participação desses estudantes na composição da renda familiar, constatou-se que a maioria do ensino regular não trabalha, e na EJA ocorre o inverso, sendo a maioria estudantes trabalhadores, alguns dos quais são responsáveis pelo sustento não apenas de si próprios, mas de toda a família.

No aspecto escolaridade dos genitores, notou-se uma maior escolaridade dos pais dos estudantes do ensino regular em relação aos da EJA, e, ao comparar pais e mães, as mulheres apresentaram nível de escolaridade superior nos dois grupos. Esses dados sinalizam tanto influência das mães na escolarização dos filhos, quanto uma mudança de panorama em relação à escolarização no Brasil, visto que muitos dos estudantes pesquisados terão nível de escolaridade superior a de seus pais.

Já no que se refere às expectativas e projetos de continuidade dos estudos após a conclusão do ensino médio, constatou-se que a maioria significativa dos estudantes dos dois grupos analisados pretende conciliar o estudo com o emprego. A maior parte também manifestou interesse em continuar seus estudos realizando ensino superior, mesmo que no grupo dos estudantes da EJA os cursos técnicos/profissionalizante também tenham despertado como opção para uma parcela expressiva dos estudantes.

Porém, a despeito do desejo de querer continuar seus estudos, sobretudo em cursos superiores, e ainda trabalhar, sabe-se que muitos deles podem não conseguir alcançar essa meta, visto que, no Brasil, dos jovens de 18 a 24 anos, em idade regular de cursar a educação superior, apenas 14,9% conseguem estudar e trabalhar. Portanto, a despeito das altas expectativas, os estudantes enfrentam uma série de dificuldades que acabam os excluindo dos processos de escolarização superiores.

Sobre os cursos almejados, verificou-se uma preferência por cursos socialmente prestigiados de nível superior, como Direito e Medicina, e também por Agronomia, um curso ofertado no próprio município de Ipameri, e que tem relação com o potencial agropecuário da região. Mas, considerando especificamente os estudantes da EJA, eles também manifestaram predileção por cursos técnicos, como Gastronomia, Eletricista, Gestão em Segurança Pública e Vigilante. Esses cursos foram escolhidos por diversos motivos, mas principalmente em razão de aptidão na área/vocação e boas expectativas em relação ao mercado de trabalho. Nota-se, pois, uma tentativa de articular as aptidões pessoais com a possibilidade de inserção no setor produtivo.

A maioria dos estudantes dos dois grupos ainda disse que conhece bem ou muito bem a área de atuação do curso escolhido, o que significa que essa escolha não tem sido feita de forma aleatória. Contudo, isso não reflete em segurança na escolha do curso, haja vista que especialmente os estudantes do ensino médio regular manifestaram que tiveram dúvida no momento dessa definição.

Mas, considerando os que já escolheram um curso de graduação ou técnico/profissionalizante, a maioria almeja continuar seus estudos em instituições públicas, entre as quais se destacam: UFG – Catalão, IF Goiano – Urutaí, UFU – Uberlândia, UEG – Ipameri, UEG – Pire do Rio e UFG – Goiânia, todas essas situadas em municípios que distam a, no máximo, 198 km de Ipameri, o que é um indicativo da preferência por continuar morando em casa ou em cidades próximas.

Outro aspecto investigado foi a maneira como pretendem custear sua formação superior ou técnica/profissionalizante, sendo que, considerando os dois grupos de estudantes investigados, a opção preponderante foi se sustentar totalmente trabalhando, seguida de depender de bolsas e programas de financiamento, contar com a ajuda parcial dos pais, e, apenas alguns estudantes do ensino médio regular declararam que se manterão com ajuda total dos pais. Portanto, esse quadro reafirma se tratarem de estudantes vulneráveis socioeconomicamente, e que terão que empreender esforços para conciliar estudo e trabalho. Cientes dessa condição, a maioria disse esperar que, entre as dificuldades que podem enfrentar durante sua formação após o ensino médio, a principal delas é conciliar estudo e emprego, como também as dificuldades econômicas.

Por fim, mesmo tendo consciência dos obstáculos que podem enfrentar para construir uma trajetória acadêmica prolongada, diferentemente da maioria dos seus pais, grande parcela desses estudantes apresenta expectativas de ter uma formação para o emprego e a carreira, bem como conseguir um diploma de nível superior. Sendo assim, percebe-se que o principal objetivo é se colocar no mercado de trabalho com mais qualificação, para sair da situação de emprego informal, de subemprego e de pouca remuneração.

Referências

BARBER-MADDEN, Rosemary; SABER, Bruno Abe. A situação dos jovens no mundo. *In*: BARBER-MADDEN, Rosemary; SANTOS, Taís de Freitas (orgs.). *A juventude brasileira no contexto atual e em cenário futuro*. Brasília: UnB/UNFPA, 2010.

BRAGA, Maria José; XAVIER, Flavia Pereira. Transição para o ensino superior: aspiração dos alunos do ensino médio de uma escola pública. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 62, p. 245-259, out./dez. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. *Catálogo Nacional de Cursos Técnicos*. 2014. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=77451-cnct-3a-edicao-pdf-1&category_slug=novembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 15 fev. 2019.

DAYRELL, Juarez Tarcisio. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, p. 40-52, set./dez. 2003.

DAYRELL, Juarez Tarcisio; JESUS, Rodrigo Ednilson. Juventude, ensino médio e os processos de exclusão escolar. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 37, n. 135, p. 407-423, abr./jun. 2016.

FELICETTI, Vera Lucia; CABRERA, Alberto F. Resultados da educação superior: o ProUni em foco. *Avaliação*, Campinas, Sorocaba, v. 22, n. 03, p. 871-893, nov. 2017.

FRANCO, Maria Laura P. Barbosa; NOVAES, Gláucia Torres Franco. Os jovens do ensino médio e suas representações sociais. *Cadernos de Pesquisa*, n. 112, p. 167-183, mar. 2001.

GRACIOLI, Maria Madalena. Projetos e perspectivas de futuro de jovens em diferentes contextos. *Nucleus*, v. 13, n. 2, p. 5-16, out. 2016.

GUIA DO ESTUDANTE. *Profissões*. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/profissoes/>. Acesso em: 15 fev. 2019.

GUIA DO ESTUDANTE. *Veja os 10 cursos mais procurados no Sisu 2018/1*. Guia do Estudante, 24 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/enem/veja-os-10-cursos-mais-procurados-no-sisu-2018-1/>. Acesso em: 21 fev. 2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2010. *Resultados gerais da amostra*. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/99/cd_2010_resultados_gerais_amos_tra.pdf. Acesso em: 13 fev. 2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades. *Ipameri*. 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/ipameri/panorama>. Acesso em: 12 fev. 2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2014*. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv91983.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2019.

IMB – INSTITUTO MAURO BORGES. Censo Escolar 2015. Análise do Censo Escolar da Educação Básica. Disponível em:

http://www.imb.go.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1083:censo-escolar-da-educacao-basica-2015&catid=215&Itemid=284. Acesso em: 15 fev. 2019.

INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Ministério da Educação. *Censo da Educação Superior 2018*. Divulgação dos principais resultados. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/setembro-2018-pdf/97041-apresentac-a-o-censo-superior-u-ltimo/file>. Acesso em: 12 fev. 2019.

INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Ministério da Educação. *Sinopse Estatística da Educação Básica 2017a*. Disponível em: <http://inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>. Acesso em: 12 fev. 2019.

INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Ministério da Educação. *Resumo Técnico do Censo da Educação Superior 2017b*. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/resumo_tecnico/resumo_tecnico_censo_da_educacao_superior_2017.pdf. Acesso em: 20 fev. 2019.

INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Ministério da Educação. *Resumo Técnico do Censo da Educação Superior 2016*. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/resumo_tecnico/resumo_tecnico_censo_da_educacao_superior_2016.pdf. Acesso em: 20 fev. 2019.

PRIBERAM DICIONÁRIO. *Expectativa*. 2019. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/expectativa>. Acesso em: 20 fev. 2019.

SOUZA, Davisson Charles Cangassu; VAZQUEZ, Daniel Arias. Expectativas de jovens do ensino médio público em relação ao estudo e ao trabalho. *Educ. Pesq.*, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 409-426, abr./jun. 2015.

VENDRAMINI, Célia Regina et al. Escola, trabalho e perspectiva de futuro de jovens estudantes. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 12, n. 4, p. 2155-2176, out./dez. 2017.

Como citar este documento:

ROSA, Chaiane de Medeiros; PEIXOTO, Patrícia Rodrigues Luiz. Transição ensino médio - educação superior: um comparativo das expectativas de estudantes do ensino regular e da educação de jovens e adultos. *Revista Espaço Pedagógico*, Passo Fundo, v. 30, e9126, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5335/rep.v30i0.9126>.